REVISTA ARQUEOLOGIA PÚBLICA
V. 20 | e025004 | 2025

Leandro Matthews Cascon[1]
Igor Morais Mariano Rodrigues[2]
Jaime Xamen Wai Wai[3]
Alexandre Aniceto de Souza[4]
Carla Jaimes Betancourt[5]

Sobre arcos que precisam de cordas e artefatos que criam territórios: reflexões interculturais sobre a experiência de uma comitiva Waiwai em museus europeus

RESUMO

Entre os significativos avanços das últimas décadas por povos indígenas na luta pelo reconhecimento de seus direitos, territórios e histórias, o acesso a antigas coleções de sua cultura material, armazenadas em museus de terras distantes, tem sido uma das mais emblemáticas conquistas. Superando desafios linguísticos, culturais, financeiros e burocráticos, comitivas de inúmeros povos têm viajado grandes distâncias para rever e reaver materiais de sua história e se conectar, de diversas formas, com aqueles que um dia os produziram. Apresentamos aqui alguns resultados de um destes esforços, por uma comitiva mista composta por pesquisadores Waiwai e não-indígenas, em dois museus etnográficos na Alemanha (*Museum für Völkerkunde*/Dresden e *Bonner Amerikas-Sammlung*/Bonn) e um na Suécia (*Världskulturmuseet*). Além do reconhecimento de elementos da cultura material Waiwai e da formulação de reflexões sobre os novos papéis que estes artefatos exercem em seus distantes territórios, a experiência permitiu o desenrolar de diversas discussões sobre práticas museais, assim como de aspectos curatoriais, conservacionistas e descritivos. As colocações e intervenções realizadas nestes depósitos, que trouxeram benefícios físicos e espirituais para coisas e pessoas, apontam por sua vez a caminhos a serem trilhados para se alcançar uma maior indigenização de coleções em museus etnográficos.

[1] Doutor em Arqueologia. Pesquisador de Pós-doutorado no Museu BASA (Bonner Amerikas-Sammlung), Universidade de Bonn, Alemanha.
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3289-3520. E-mail: lmcascon@gmail.com
[2] Doutor em Arqueologia. Professor Adjunto do curso de Arqueologia da Universidade Federal do Oeste do Pará. Santarém-PA, Brasil.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4793-8157. E-mail: igor_mmrodrigues@hotmail.com
[3] Mestre em Antropologia, com concentração em Arqueologia.
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5236-3100. E-mail: xamenwaiwai414@gmail.com
[4] Mestre em Antropologia. Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas. Manaus-AM, Brasil.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7523-275X. E-mail:pawankasko@gmail.com
[5] Doutora em Arqueologia. Professora do Instituto de Arqueologia e Antropologia Cultural (IAK) da Universidade de Bonn, Alemanha.
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5734-1373. E-mail: cjaimes@uni-bonn.de

DOI: 10.20396/rap.v20i00.8678547 | ISSN 2237-8294

Palavras-chave: Coleções etnográficas; Curadoria indígena; Povos Waiwai.

About bows that need strings and artifacts that create territories: intercultural reflections on the experience of a Waiwai committee in European museums

ABSTRACT

Among the significant advances made in recent decades by indigenous peoples in the struggle for recognition of their rights, territories and histories, access to ancient collections of their material culture, stored in museums in distant lands, has been one of the most emblematic achievements. Overcoming linguistic, cultural, financial and bureaucratic challenges, committee of countless peoples have traveled great distances to revisit and recover materials from their history and connect, in various ways, with those who once produced them. Here we present some results of one of these efforts, by a mixed delegation made up of Waiwai and non-indigenous researchers, in two ethnographic museums in Germany (Museum für Völkerkunde/Dresden and Bonner Amerikas-Sammlung/Bonn) and one in Sweden (Världskulturmuseet). In addition to recognizing elements of Waiwai material culture and formulating reflections on the new roles these artifacts play in their distant territories, the experience allowed for the development of various discussions on museum practices, as well as curatorial, conservation and descriptive aspects. The statements and interventions carried out in these deposits, which brought physical and spiritual benefits to things and people, in turn point to paths to be taken to achieve greater indigenization of collections in ethnographic museums.

Keywords: Ethnographic collections; Indigenous curation; Waiwai peoples.

Sobre arcos que necesitan cuerdas y artefactos que crean territorios: reflexiones interculturales sobre la experiencia de una comitiva Waiwai en museos europeos

RESUMEN

Entre los importantes avances logrados en las últimas décadas por los pueblos indígenas en la lucha por el reconocimiento de sus derechos, territorios e historias, el acceso a antiguas colecciones de su cultura material, almacenadas en museos de tierras lejanas, ha sido uno de los logros más emblemáticos. Superando desafíos lingüísticos, culturales, financieros y burocráticos, comitivas de

innumerables pueblos han recorrido grandes distancias para revisitar y recuperar materiales de su historia y conectarse de diversas maneras con quienes alguna vez los produjeron. Aquí presentamos algunos de los resultados de uno de estos esfuerzos, realizado por una delegación mixta formada por investigadores Waiwai y no indígenas, en dos museos etnográficos de Alemania (Museum für Völkerkunde/Dresden y Bonner Amerikas-Sammlung/Bonn) y uno de Suecia (Världskulturmuseet). Además de reconocer elementos de la cultura material Waiwai y formular reflexiones sobre las nuevas funciones que desempeñan estos artefactos en sus territorios lejanos, la experiencia permitió entablar diversos debates sobre prácticas museísticas, así como sobre aspectos curatoriales, de conservación y descriptivos. Las colocaciones e intervenciones realizadas en estos depósitos, que aportaron beneficios físicos y espirituales a las cosas y a las personas, señalan a su vez caminos a seguir para lograr una mayor indigenización de las colecciones en los museos etnográficos.

Palabras Clave: Colecciones etnográficas; Conservación indígena; Pueblos Waiwai.

Introdução

Ao longo da primeira metade de junho de 2024, como parte do projeto *Patrimônio e Territorialidade: Percepções passadas, presentes e futuras entre os Tacana, Tsimane', Mosetén y Waiwai (IAK/BONN, 2024)*, pesquisadores vindos destes quatro povos visitaram museus na Alemanha e na Suécia, para conhecer antigas coleções de sua cultura material, agora transformadas em objetos etnográficos mantidos em museus.

Tratou-se de uma experiência intensa e enriquecedora cujos frutos começam a ser divulgados. Este trabalho é apenas uma pequena parte deste grande esforço, e se refere especificamente às reflexões que foram produzidas dentro do âmbito da pesquisa colaborativa por e com os Waiwai, em visita às coleções do *Museum für Völkerkunde* em Dresden, do Museu *Bonner Amerikas-Sammlung* em Bonn (ambos na Alemanha) e do *Världskulturmuseet* em Gotemburgo (na Suécia).

A comitiva Waiwai que visitou os três museus citados foi composta pelos autores deste artigo e por Carlos Yapoxi. Yapoxi é um grande especialista e produtor de cultura material dos Waiwai. Tais pessoas reconhecidas como especialistas são denominadas de *kahñe* na língua waiwai, cuja tradução feita pelos próprios Waiwai é a de "profissional", e que pode ser livremente traduzida como "pessoa que sabe fazer muita coisa" (Rodrigues, 2022, p. 416). Portanto, sem a habilidade e o notório saber de um verdadeiro *kahñe*, capaz de conectar conhecimentos de forma intergeracional, servindo como ponto de ligação entre o conhecimento sobre artefatos de grande antiguidade, os conhecimentos dele próprio e os conhecimentos de dois autores deste artigo, um arqueólogo e um antropólogo Waiwai, esta pesquisa não teria sido possível.

Aqui apresentamos algumas das reflexões que surgiram da relação estabelecida entre a comitiva Waiwai e estes objetos mantidos atualmente nos referidos museus. Cabe aqui uma menção ao uso do

termo ‘objeto’ neste texto. Embora o uso da palavra ‘objeto’ seja corretamente criticado por ignorar a agência da cultura material e a sua proximidade com a ideia de ‘objetificação’ (p. ex. Ingold, 2012), este termo é válido para o presente estudo pelo menos por dois motivos: por um lado, ele abrange os processos nos quais cultura material indígena é transformada em objetos de museu, sendo ressignificada dentro destes espaços, transformação esta discutida, por exemplo, por Johannes Fabian (2004) e Lucia Hussak Van Velthem (2012). Por outro lado, o termo ‘objeto’ é também usado por indivíduos e coletivos indígenas, com uma percepção além do seu tradicional uso ocidental (p.ex. Garcés et al., 2017; Garcés & Karipuna, 2021). Portanto, embora não desconsideremos as críticas ao termo ‘objeto’, aqui o usaremos, por vezes, como sinônimo de artefato ou cultura material indígena.

Cruzando o Atlântico: povos indígenas e o reencontro com as produções de seus antepassados

Entre os significativos avanços das últimas décadas por povos indígenas na luta pelo reconhecimento de seus direitos, territórios e histórias, o acesso a antigas coleções de sua cultura material, mantidas em museus majoritariamente situados em terras distantes, além-mar, tem sido uma das mais emblemáticas conquistas. Superando desafios linguísticos, culturais, financeiros e burocráticos, comitivas de inúmeros povos têm viajado grandes distâncias para rever e também reaver materiais de sua história e se conectar, de diversas formas, com aqueles que um dia os produziram.

Tais esforços têm sido amplamente discutidos em âmbito internacional (Peers & Brown, 2003; Sleeper-Smith, 2009; Van Broekhoven et al., 2010; Laely et al., 2018; Kraus et al., 2018; Jaimes Betancourt et al., 2020) e nacional (Silva & Gordon, 2013; Cury, 2016; Athias & Gomes, 2016; Moraes Wichers, 2019a; Oliveira & Santos, 2019) e se destacam pelas novas relações estabelecidas entre museus,

instituições de poder formadas dentro de projetos de nação, e povos indígenas historicamente sujeitos a relações desiguais e de violência por estes Estados-nações.

No Brasil, assim como em países como o Canadá, Estados Unidos, Austrália e Nova Zelândia, a proximidade geográfica relativa de povos indígenas com instituições detentoras de elementos históricos de suas culturas materiais tem resultado em ações mais constantes de diálogo entre museus e indígenas (para citar alguns, Silva, 2016; Lima & Silva, 2021; Machado, 2021). Nos casos de falta ou baixa quantidade de recursos financeiros, há propostas alternativas que levaram para as aldeias fotografias e informações disponíveis sobre coleções etnográficas de modo a "escavar as memórias" dos mais velhos, fomentando assim a construção de narrativas indígenas sobre seu próprio passado recente (Rodrigues & Wai Wai, 2024). Além disso, existem diversos atos nativos de resistência e de resiliência que resultaram na criação de museus indígenas, por vezes auxiliados por instituições ocidentais de museu (para citar alguns, Vidal, 2008; Athias & Gomes, 2016; Vieira et al., 2017; Gomes, 2019; Moraes Wichers, 2019b).

Não obstante o grande desafio presente nestes esforços realizados por povos indígenas dentro destes contextos nacionais, fora de seus territórios e de seus Estados-nações, o acesso à cultura material elaborada por seus ancestrais encontra novos obstáculos. Em relação a museus europeus, detentores de coleções e exemplares ímpares devido ao processo de colonização global, apesar da existência de importantes esforços por curadores, conservadores e pesquisadores associados a museus (Van Broekhoven et al., 2010; Laely et al., 2018), a distância e a disponibilidade intermitente de recursos (frequentemente atrelados a financiamentos de projetos temporários) resultam na realização de visitas com intervalos de tempo de muitos anos e de apenas dias ou semanas de duração. Essas situações apresentam para os povos indígenas grandes dificuldades em

estabelecer relações duradouras com sua cultura material. Isso, por sua vez, torna necessário fomentar meios para um aumento na frequência destas visitas, bem como leva a pensar estratégias para que o contato já existente seja frutífero em relação aos anseios destes povos. É neste contexto de visitas a terras distantes que se desenvolveu a pesquisa aqui apresentada.

As razões para a visita da comitiva Waiwai aos museus mencionados se inserem no movimento anteriormente discutido de agência dos povos indígenas em conhecer e estabelecer contatos com elementos históricos de sua cultura, através da análise direta de cultura material.

Um importante aspecto nesta forma de abordagem tem a ver com o resgate de técnicas de manufatura de objetos atualmente produzidos, ou de objetos não mais vistos nestas comunidades. No entanto, o que nossa experiência também nos mostrou foi o grande potencial em se discutir a dimensão museal que se encontrava à nossa frente, com destaque para os procedimentos de acondicionamento dos objetos. Ainda, nossa experiência evidenciou como a realidade de objetos em museus se distancia e, ao mesmo tempo, também se aproxima das histórias de vida destes artefatos em contextos nativos.

Este trabalho é fruto de reflexões em campo, compreendendo o museu e suas coleções como uma forma igualmente válida de campo etnográfico, tal como proposto por Fabíola Silva e Cesar Gordon (2013). No caso de nossa pesquisa, ocorrida em junho de 2024, pode-se dizer que realizamos três campos consecutivos, pois visitamos: entre os dias 4 e 5, o *Museum für Völkerkunde* em Dresden; o Museu *Bonner Amerikas-Sammlung* em Bonn, entre os dias 6 e 7; e o *Världskulturmuseet* em Gotemburgo, entre os dias 11 e 14.

Em nossos contatos com essas coleções, lidamos com diferentes categorias de artefatos e observamos distintos aspectos, como marcas de produção, marcas de uso e estado de conservação, por exemplo, além de refletir sobre as circunstâncias de trocas e aquisição de

algumas peças em função de suas características. Contudo, ao longo da interação com essas coleções, com distintas particularidades, emergiram situações e interações que serão tratadas especificamente nesse artigo. Isso ocorreu principalmente por restrições e liberdades propiciadas por cada uma das instituições museais. Através dessas situações, discutiremos algumas questões sobre a existência de artefatos indígenas enquanto objetos de museus.

Sobre permanências culturais

Uma máxima comum na Antropologia e na Arqueologia é a de que 'nada é como o campo', já que as surpresas por ele apresentadas podem afirmar ou contradizer ideias com as quais iniciamos nossa pesquisa. Sobre este aspecto, em nossos primeiros dias de campo, ainda no *Museum für Völkerkunde* em Dresden, tivemos uma destas surpresas relacionadas ao caráter de resgate de conhecimentos. Isto porque Yapoxi, já no segundo dia de pesquisa, afirmou que conhecia a maioria das técnicas, assim como sabia fazer a maioria dos artefatos presentes nesse museu. Na ocasião, estávamos lidando com artefatos mais recentes, adquiridos entre 1970 e 1980, por Milton do Rego e Everett Rassiga, e também com materiais adquiridos na primeira metade do século XIX por Robert e Richard Schomburgk, correspondendo à coleção mais antiga de objetos associados diretamente aos Waiwai que se encontram em museus, com base em levantamentos anteriores (Rodrigues & Gaspar, 2020; Rodrigues, 2022). Cabe destacar que quando Yapoxi foi convidado para ir visitar os museus na Europa com a informação de que lá existem diversos artefatos antigos dos Waiwai, o mesmo, em conversa com um dos autores desse artigo (Jaime), se mostrou cético quanto à antiguidade destes, vistos até aquele momento somente através de fotos levadas para a comunidade. Ao ter o primeiro contato em Dresden com os materiais musealizados, ele reconheceu estes artefatos como sendo feitos pelos Waiwai e como sendo antigos, ao mesmo tempo em que

afirmou que os Waiwai continuaram a usar os mesmos materiais para ‘fazer como faziam antigamente’.

O *kahñe* Yapoxi, apesar de ficar surpreso com a familiaridade que tinha com as formas de fazer ali vistas, relatou que ao ver as primeiras coleções compreendeu a importância de sua presença na visita aos museus, pois estava lidando com artefatos cujas pessoas que os produziram já não se encontravam mais vivas. Ressaltamos aqui tal observação, pois a vemos como fundamental para entendermos uma das principais lições aprendidas por nossa equipe: a do papel destas coleções históricas em conectar indivíduos Waiwai distantes no espaço e no tempo. Para os Waiwai da comitiva, tratou-se de efetivamente conhecermos nossos anciões, como se estivéssemos olhando para ‘um horizonte de nossos bisavôs e bisavós’. Além disto, como somos os descendentes destas pessoas, então somos nós que temos que cuidar deste conhecimento, pois ‘este conhecimento é nós’ (Figura 1).

Figura 1 – Integrantes Waiwai da equipe, em frente à reserva técnica do Museum für Völkerkunde em Dresden (Alemanha). Esquerda-direita: Carlos Yapoxi, Alexandre Aniceto de Souza, Jaime Xamen Wai Wai.



Fonte: Registro feito por Leandro Matthews Cascon.

Sobre distanciamentos e proximidades museais

Os primeiros dias de campo, em Dresden, também apontaram para outra questão fundamental: as formas de tratamento desta cultura material, agora enquanto objetos de museu. Além de separadas por tipos de materiais, ao longo do século XX as coleções do *Museum für Völkerkunde* foram tratadas com químicos perigosos, tais como arsênico. Apesar de terem a função de preservação, isto também levou à necessidade de a equipe usar máscaras, luvas e jalecos no manuseio de todos os artefatos observados. Ademais, antes do manuseio, todos os membros de nossa equipe assinaram um documento firmando estarem cientes da condição perigosa dos materiais. Esse museu, por

questões de segurança, também restringe a tomada de fotos e vídeos dentro do espaço interno de sua reserva técnica. Deste modo, para interagirmos com o material, a instituição nos disponibilizou uma sala especialmente preparada para nos receber com os artefatos selecionados pela equipe, local em que pudemos manusear as peças, bem como fotografá-las. Contudo, essas circunstâncias institucionais criaram uma sensação de distanciamento com estes materiais.

Tal fator de distanciamento sentido em Dresden, fruto das mencionadas formas de organização e conservação, apresentou grande contraste quando comparado com o nosso segundo local de visita, o Museu *Bonner Amerikas-Sammlung* (BASA), em Bonn. Por diversas razões expostas a seguir, nos sentimos mais próximos dos objetos.

Todas as coleções do Museu BASA são relativamente recentes, sendo os registros mais antigos de 1948. A coleção estudada por nós, de objetos provenientes do rio Nhamundá e associados aos Hixkaryana e Xowyana, foi formada na década de 1950 por Manfred Rauschert, um coletor que também percorreu os rios Maicuru e Paru e a região do Tumucumaque, e formou coleções associadas aos Tiriyó e, principalmente, Wayana e Apalai (Noack, 2017). Apesar de não se tratar de uma coleção com material associado diretamente aos Waiwai, mas sim Hixkaryana e Xowyana, estes artefatos suscitaram sensações de proximidade, afinal, tratam-se de povos linguística e culturalmente aparentados (cf. Frikel, 1958). Além disso, hoje em dia há descendentes desses povos que vivem em regiões e aldeias nas quais a população é reconhecida dentro do amplo e atual sentido do nome Waiwai[6]. Como posto por Rodrigues e Gaspar (2020), em um estudo sobre diversas coleções associadas aos Waiwai, é comum que as peças

[6] Para mais informações, veja, por exemplo, Caixeta de Queiroz (2008), Howard (2001), Iepé (2021), Lucas (2014), Rodrigues (2022), Souza (2018), Wai Wai (2022) e Wai Wai e Caixeta de Queiroz (2024).

coletadas até 1950 no Brasil fossem associadas a nomes de outros povos que integram os atuais Waiwai.

Um elemento que certamente contribuiu para nossa aproximação com os artefatos é o fato de que as coleções do BASA não passaram por tratamentos químicos. Outrossim, no BASA tivemos liberdade para andar na reserva técnica e interagir com quaisquer objetos. Soma-se a isso a forma de organização da reserva, com coleções mantidas juntas de acordo com seus coletores, o que resultou na não dispersão de artefatos relacionados.

A coleção do museu do BASA apresenta métodos não convencionais de armazenamento em suas reservas técnicas, como a disposição de arcos e flechas dentro de canoas, que convida à reflexão sobre a relação entre os objetos e seus contextos culturais. Este espaço, dedicado à formação de estudantes de Antropologia das Américas, distingue-se por permitir a experimentação e o olhar crítico e reflexivo sobre as coleções. Ele promove também abordagens inovadoras como a investigação sensorial de artefatos, explorando, por exemplo, a interação com objetos musicais (Gudemos, 2024).

Pois bem, logo ao adentrarmos o espaço, Yapoxi tomou a dianteira e andou pelos corredores. Sem qualquer tipo de informação prévia sobre a origem dos materiais ali presentes, ele reconheceu imediatamente e manuseou objetos semelhantes aos que são feitos pelos Waiwai, como arcos, alguns tipos de trançados e armadilhas para peixes. Por meio dos números de registro das peças, soubemos em seguida que eram peças integrantes da coleção feita por Rauschert, associadas aos povos Tiriyó, Hixkaryana e Xowyana. Ainda, Yapoxi percorreu todo o espaço da reserva técnica, e sempre se manifestava quando reconhecia as matérias-primas e as funções de diversos objetos, mesmo nos casos em que os artefatos eram bastante distintos dos feitos pelos Waiwai. Em suma, todo esse contexto permitiu o

manuseio sem máscara e, inclusive, possibilitou que flautas fossem tocadas e chocalhos fossem agitados (Figuras 2 e 3).

Ao percorrer o espaço, reconhecer diversos objetos, ou pelo menos os materiais e as funções, além de interagir com alguns deles sem qualquer restrição, Yapoxi ficou contente. Conforme tradução feita por Jaime, Yapoxi disse que "Estamos longe, mas tem tantas manufaturas feitas por nossos povos que é como se estivéssemos em casa". Uma vez que estávamos apenas iniciando o contato com o BASA e nossa experiência com o museu de Dresden ainda estava bem vívida em nossas memórias, foi inevitável comparar as duas situações.

De acordo com os representantes Waiwai, em Dresden os artefatos estavam muito bem guardados, com cuidados para impedir que fossem atacados por insetos, porém eles estão doentes, visto estarem envenenados. Além disso, como são guardados em lugares distintos e por vezes distantes, estando, por exemplo, a plumária em um local e os objetos cerâmicos em outro, isso causa tristeza nos artefatos. No BASA, além da ausência do veneno, os objetos de uma mesma coleção estão mais próximos entre si e, também, certas formas de armazenamento já mencionadas foram vistas na ocasião como elementos que apresentam similaridades com as formas de armazenamento nas aldeias. Considerado de forma integrada a partir de uma perspectiva Waiwai, o contexto do museu de Bonn implica artefatos mais felizes, pois eles estão acompanhados por seus semelhantes e saudáveis. Ninguém gosta de viver sozinho, doente, e ainda por cima em meio a gente desconhecida.

Figura 2 – Equipe em visita à reserva técnica do Museum für Völkerkunde em Dresden (Alemanha), com o curador da coleção das Américas Frank Usbeck, à esquerda, e a conservadora Stefanie Lohse, à direita. Devido ao uso antigo de reagentes químicos na conservação das coleções do Museu, o uso de jaleco, luvas e máscaras foi necessário durante todo o estudo e manuseio do material analisado.



Fonte: Registro feito por Alexandre Aniceto de Souza.

Figura 3 – Carlos Yapoxi e Jaime Xamen Wai Wai na reserva técnica do Museu Bonner Amerikas-Sammlung em Bonn (Alemanha). Na ocasião, Yapoxi e Xamen cantaram uma canção em Waiwai, para que as peças do museu ficassem mais felizes.



Fonte: Imagem extraída do vídeo www.instagram.com/reel/C8HjPdUthku/?igsh=eWoxYjM3eDNyYXY=

Sobre curadorias Waiwai

A reserva do BASA permitiu também as primeiras ações de curadoria indígena pela equipe. Um exemplo encontra-se na realização de cantos direcionados às coleções, utilizando inclusive instrumentos musicais de outros povos, para que as peças da reserva "ficassem mais felizes". Um dos cantos executados costuma ser feito no período das festas de fim de ano, quando os caçadores retornam da mata com diversas caças, adentrando a casa grande da aldeia, cantando, em síntese, que são brincalhões e dançam para o lado de lá e para o lado de cá. Esse tipo de canto deixa todo mundo contente e foi realizado na reserva técnica após intensa interação com arcos e flechas. Visto ser um canto realizado por caçadores, sua escolha foi motivada para deixar os arcos e as flechas alegres.

Contudo, antes da realização do canto, Yapoxi agrupou um arco e uma corda que, até então, encontravam-se separados. Uma extremidade da corda de número 246, da coleção Hixkaryana-Xowyana, possuía um nó e o *kahñe* Yapoxi, com seu habitual conhecimento e habilidade, produziu o mesmo tipo de nó na outra extremidade da corda, pondo-a no arco de número 276, da coleção Tiriyó, outro povo aparentado (Figura 4). Ele relatou que esse tipo de nó é o mesmo que ele tem o costume de fazer e, durante o processo, ainda nos demonstrou outras possibilidades de fazer o nó. Foi observado também que o estilo de produção da corda, composta por quatro fios de curauá torcidos em "Z", é o mesmo feito pelos Waiwai atualmente, sendo denominado de *atkarañuru,* "língua do lagarto *atkara*", um lagarto grande e cinza. Além destes objetos serem de povos distintos, foi dito que a corda era grossa demais para este arco. No entanto, considerou-se que não é bom guardar uma corda de arco sem estar unida a um arco, da mesma forma que um arco não pode ficar guardado sem uma corda. A decisão de agrupar estes dois objetos, apesar das questões acima citadas, foi prontamente aceita

pelo responsável pelas coleções, Daniel Grana-Behrens, que somente pediu que tal junção fosse devidamente descrita e documentada. Trata-se de um exemplo de como formas de curadorias de objetos etnográficos podem ser repensadas, relativizando questões de suma importância em curadorias ocidentais, como a separação dos objetos de acordo com a etnicidade.

Figura 4 – Yapoxi sendo observado por Alexandre (esq.) e Jaime (dir.), no Museu Bonner Amerikas-Sammlung. Na ocasião, Yapoxi agrupou um arco e uma corda que, até então, encontravam-se separados.



Fonte: registro feito por Leandro Matthews Cascon.

As iniciativas de realizar mudanças curatoriais pontuais, porém significativas, continuaram no último museu visitado pela equipe, o *Världskulturmuseet*, em Gotemburgo. Entre os materiais analisados, coletados em 1925 por Walter Roth, encontravam-se pequenas estatuetas zoomorfas esculpidas em semente de buriti, consideradas culturalmente sensíveis, denominadas *ñokwa* (Rodrigues, 2022; Rodrigues et al., 2024). Em pesquisa anterior, Rodrigues (2022, p. 356-358) ao apresentar a imagem dessas esculturas para alguns anciãos dos povos Waiwai do Mapuera, ouviu de anciãos que se entendem como Katwena, que essas peças se referem à figura da onça que outrora os xamãs usavam para a agressão, ao passo que outros anciões, que se entendem como Xerew e Waiwai, interpretaram essas esculturas como *"xapari komo yuknon"*, "imagem dos cachorros", usada antigamente por xamãs para entrar em contato com o "pai dos cachorros" e aprimorar as habilidades dos cachorros nas atividades de caça. De todo modo, sabe-se que esses amuletos *ñokwa* eram mantidos em pequenas caixinhas trançadas, de nome *ñokwayen*, "recipiente de amuleto", que, por sua vez, ficavam guardadas dentro de outros tipos de cestos (Rodrigues et al., 2024). Todavia, no *Världskulturmuseet,* esses amuletos estavam fora de qualquer caixa e, na coleção feita por Roth, não há nenhum exemplar desse tipo de caixinha.

Diante disso, ao conversarmos sobre esse fato, tanto Yapoxi quanto Jaime consideraram que esses *ñokwa* não estavam guardados de forma adequada. Para solucionar este problema, foi decidido que estas estatuetas seriam guardadas em uma *pakara*, uma caixa trançada que, entre suas possíveis funções, tinha também a de guardar elementos relacionados ao xamanismo Waiwai. Para Howard (2001), essa cesta pode ser concebida enquanto miniatura do cosmos, na medida em que guarda em si elementos de procedência do céu, floresta, roças e rios. Ao considerar não apenas o produto final, mas

toda a complexidade de produção técnica desse tipo de trançado, tido pelos Waiwai como o mais difícil de ser elaborado, Rodrigues (2022, p. 491) observou que o trançado "*pakara* está vinculado a todo o cosmos não só pelo que ele guarda, mas por ser feito com partes de outros seres que habitam lugares distintos".

Em uma feliz coincidência, como uma das *pakara* da coleção possuía o trançado do grafismo do cachorro, e as estatuetas foram consideradas como "imagem dos cachorros", este *pakara* foi escolhido como o novo lar destas peças. Esta intervenção foi discutida com os responsáveis pela reserva, que perguntaram se era possível fazer um forro com um papel especial para melhor preservar as estatuetas. Foi explicado a estes responsáveis que o ideal seria que a *pakara* tivesse pelo menos um forro de palha, porém, na ausência deste material, era possível adaptar a curadoria indígena tendo em vista a curadoria ocidental de museus. Assim, Yapoxi produziu um forro de papel para o *pakara*, e os *ñokwa* encontram-se agora acondicionados de forma um pouco mais próxima de como estariam em seus contextos nativos antigos, quando o xamanismo era praticado (Figura 5).

Diante do exposto, consideramos que as iniciativas Waiwai em Bonn e em Gotemburgo, assim como as respostas de curadores e diretores do BASA e do *Världskulturmuseet,* nos remetem à afirmação de Vieira et al. (2017, p. 3) sobre como um dos grandes temas discutidos pela literatura sobre conservação em museus atualmente é justamente a priorização de vozes e valores indígenas e que, apesar dos dilemas enfrentados por conservadores diante dos novos paradigmas que surgem desta priorização, esta mesma literatura ressalta a importância de se trabalhar com valores trazidos à tona por estas colaborações.

Figura 5 – Yapoxi na reserva técnica do Världskulturmuseet em Gotemburgo (Suécia). Na ocasião, Yapoxi produziu um forro para um pakara (caixa), a fim de que os ñokwa presentes nesse museu pudessem ser armazenados de forma não visível, condizente com o caráter espiritual e sensível destes amuletos Waiwai. O forro de um papel especial foi uma sugestão da diretora de coleções, Charlotta Ödvall, em conversa mediada pela curadora da coleção das Américas, Adriana Muñoz, assim significando um exemplo de curadoria indígena em negociação com práticas padronizadas do museu.



Fonte: registro feito por Leandro Matthews Cascon.

Sobre repatriação, restituição e o bem-estar da cultura material

Os estudos conduzidos pela equipe levaram a reflexões sobre a necessidade ou não de retorno destas peças para seus contextos nativos. Contrariando expectativas de que visitas de povos à sua cultura material musealizada implicariam na necessidade de restituição destes artefatos, a comitiva Waiwai, até o momento, considerou positiva a permanência destas peças em seus lugares atuais.

Um dos argumentos é que, após longas décadas em reservas de museu, estes artefatos agora se comunicam com materiais de outros povos indígenas e, portanto, possuem novas relações dignas de consideração[7]. Mais importante, ao constituírem elementos da cultura

[7] Num contexto distinto, mas que também demonstra como os objetos de coleção criam relações entre si, representantes do povo Gamilaraay, da Austrália, decidiram que seria necessário realizar uma cerimônia para que o tronco sagrado Dhulu (Thulu) se despedisse dos demais materiais da reserva técnica com os quais conviveu por 84 anos no Museu der Kulturen, na Basiléia, Suíça, antes do seu retorno para sua comunidade de origem na Austrália. Essa discussão está presente no

material Waiwai em lugares distantes, estas peças atuariam como uma forma de criação de novos territórios pelos Waiwai. Essa ideia de que uma reserva técnica composta por coleções de artefatos indígenas é, de fato, um território indígena corrobora o pensamento de Suzana Karipuna, socióloga indígena que desde 1991 atua na reserva técnica Curt Nimuendajú do Museu Paraense Emilio Goeldi (Garcés & Karipuna, 2021). Essa concepção encontra-se também em contextos indígenas fora das Américas, como na fala de Rose Evans (ex-curadora do Museu de Nova Zelândia Te Papa Tongarewa) de que "uma coleção Maori são ancestrais Maori e um ponto-de-vista Maori" (Clavir & Moses, 2018).

Além disso, com base no que dois autores desse artigo, Jaime e Igor, ouviram de anciãos em algumas aldeias dos rios Jatapu e Jatapuzinho, dentro do Território Indígena Trombetas-Mapuera, esses artefatos mantidos nos museus estão lutando pelos Wai Wai que estão na Terra Indígena. Eles ainda estão vivos e foram as suas vitalidades/espíritos (*ekatî*) que atuaram para que os Waiwai saíssem de suas aldeias para ir reencontrá-los. Eles estão tão vivos que Yapoxi, em uma conversa durante o café da manhã, relatou que sonhou que estava amarrando as flechas cujas amarras estavam se soltando, e que também estava fazendo a manutenção em outros objetos. Esses objetos precisam ser mantidos nos museus e, mais do que isso, precisam ser visitados por várias pessoas Waiwai, para que possam ser valorizados e para que não se sintam esquecidos. Trata-se, portanto, de uma compreensão de vínculo direto e profundo, que ultrapassa dimensões geográficas e temporais entre as manufaturas antigas e os Waiwai de hoje em dia.

As reflexões Waiwai sobre a vida da cultura material de seus povos em terras distantes assemelham-se a discussões vistas em outros contextos, nas quais o estudo de coleções etnográficas e de 'diásporas

filme *Dhulu Ugal* (Tree Song), exibido na exposição '*Alive – more than human worlds', Museum der Kulturen Basel*, em 2024.

de objetos' implica no reconhecimento dos papéis que estes objetos exercem, por exemplo, abrindo 'corredores de transferência' (*remittance corridors*) pelos quais diversos tipos de colaboração e conhecimento são gerados e transmitidos (Basu, 2011, pp.36-37).

É evidente que as observações dos Waiwai sobre sua cultura material estudada não implicam em uma não-discussão sobre restituição e repatriação, mas trazem outras camadas para este importantíssimo debate. Trata-se de ir além de discutir o lugar de moradia destes artefatos, lembrando que tais peças devem estar felizes onde estiverem.

Tal felicidade pode ser estimulada ao propiciar que artefatos possam se comunicar, estando próximos uns dos outros. Ou que possam escutar músicas de seus povos, para alegrar seus espíritos. Para isso, é central que as instituições detentoras desses artefatos criem oportunidades para que pessoas Waiwai possam visitar as produções de seus antepassados. Outro elemento importante é que alguns artefatos, como as flechas, por exemplo, possam ficar em lugares menos frios e mais próximos de temperaturas familiares a estes. É fundamental também que esses objetos sejam chamados e reconhecidos pelos seus nomes próprios, pois um artefato só é plenamente waiwai se for denominado pelo seu nome na língua waiwai, devendo este constar nos bancos de dados de museus. Sendo um artefato dos Waiwai, na perspectiva waiwai, seu nome nativo torna-se de suma importância para se consolidar em um ponto-de-vista nativo. A questão de nomenclatura parece ser um tema recorrente em discussões semelhantes em outros contextos, e o uso de terminologia indígena pode ser considerado uma forma de cuidado tradicional e de respeito (Clavir & Moses, 2018).

Considerações até os próximos (re)encontros

Ao longo dos dez dias intensos de trabalho, intercalados por viagens de ônibus, trens e aviões, as visitas aos três museus citados serviram para iniciarmos uma análise crítica da vida dos objetos em espaços de museu. Ponderamos ao longo do texto sobre os prós e contras de cada reencontro com os artefatos em função das políticas de cada instituição.

Se por um lado o reconhecimento dos materiais e técnicas observados nestas coleções históricas demonstrou a força do fazer waiwai em sua permanência de longa duração, esta mesma constatação levou os Waiwai da comitiva a uma reflexão ainda maior sobre a importância de se preservar estas práticas, e isso, por sua vez, destacou a responsabilidade que recai sobre os ombros dos próprios Waiwai. Os artefatos e os diversos elementos que os compõem, tais como os seus desenhos, são em si uma 'história dos Waiwai': nas reservas técnicas dos museus não estão só os objetos, na medida em que junto a eles estão também as histórias deste povo, que somente serão compreendidas em seus detalhes através do estudo e discussão da cultura material por indivíduos Waiwai.

O museu é feito de territórios indígenas, e os muitos artefatos que encontramos nestes museus, quando isolados, se encontram sem seus poderes. Alguns destes objetos, como os *ñokwa*, precisam ser reunidos para que reestabeleçam suas relações e guardados com cuidado, longe dos olhos de qualquer pessoa, em respeito ao papel xamânico que possuem quando fora do contexto dos museus.

Na visita aos museus, a comitiva Waiwai recebeu orientações de como 'respeitar as coisas' de um ponto de vista da conservação museal, como no manuseio controlado e cuidadoso dos objetos, por vezes realizado com luvas, sobre bancadas localizadas em ambientes controlados. No entanto, do ponto de vista waiwai, respeitar é também deixar juntas as coisas que assim devem estar. A interpretação e

intervenção de nossa comitiva referente ao arco e à corda no museu BASA remete a uma noção de interdependência e à necessidade de manter certos elementos juntos, tanto em termos materiais como conceituais, refletindo uma perspectiva indígena que é frequentemente ignorada nos museus. Ela transcende a simples organização, exprimindo um sentido de pertença entre objetos que devem permanecer juntos para manter o seu significado e funcionalidade. Na perspectiva Waiwai, respeitar a cultura material implica manter juntos elementos que estão intrinsecamente ligados, não só no caso de um artefato, mas também na integridade das coleções. No entanto, esta perspectiva raramente é adotada pelos museus que visitamos.

Sobre a preservação destes artefatos, os pesquisadores Waiwai concluíram que, apesar do distanciamento sentido em Dresden, fruto do uso de químicos para conservação, tal abordagem provavelmente contribuiu para a preservação dos artefatos de grande antiguidade. Realmente, foi impressionante ver o estado de conservação das penas, que costumam ser rapidamente atacadas por insetos nas aldeias. No entanto, foi também visto que abordagens ocidentais podem não ser adequadas à preservação, mesmo sob uma definição ocidental do termo. Um exemplo disto foi visto para flechas que, agora guardadas longe do calor e da fumaça nas aldeias, acabam por ter suas amarrações enrijecidas e soltas, assim como as resinas usadas em diversos artefatos ficam ressecadas e quebradiças.

Os coordenadores do museu perguntaram para os Waiwai da comitiva sobre como gostaríamos que os artefatos fossem cuidados. Para nós, Waiwai, não é do jeito deles que a gente cuida; a gente cuida em casa, e quando se estraga, a gente faz de novo. Assim, entendemos que o museu pensa diferente. Ele quer cuidar das coisas, mas de formas diferentes. Esta reflexão sublinha a tensão entre a ideia de durabilidade, central nos museus, e a noção de vida que os Waiwai, e muitos outros povos indígenas, atribuem aos objetos, onde o desgaste

e o envelhecimento fazem parte de um ciclo contínuo de utilização, reparação e renovação.

Ressaltamos aqui como tais visitas permitiram que a comitiva Waiwai conhecesse a cultura material observada e como essa, agora, encontra-se ressignificada em espaços de reserva de museus. Contudo, longe de somente terem acesso a esta dimensão museal, o contato direto com os objetos e certas liberdades e flexibilidades institucionais permitiram que tal dimensão sofresse transformações, ainda que pontuais, pela agência dos cientistas e *kahñe* Waiwai. A curadoria e restauração de objetos de museu por povos indígenas é uma realidade um pouco mais comum em museus mais próximos de seus territórios, dentro de seus Estados-nações (Rosoff, 2003; Lima & Silva, 2021). Desse modo, os esforços para uma experiência conjunta em museus europeus aqui apresentada tornam-se bastante relevantes não apenas para os Waiwai, mas para o próprio debate atual de indigenização dos museus.

Da mesma forma, os argumentos aqui apresentados sobre o futuro destas coleções e a necessidade ou não de repatriação não devem ser vistos como um movimento contrário à essencial reparação física e espiritual a que povos nativos possuem direito. O que apresentamos aqui pretende contribuir para aprofundar ainda mais esta discussão. A devolução por meio da repatriação e restituição, assim como o acesso através da visita física ou virtual em bancos de dados *online* (Athias, 2019; Costa & Pires, 2024), devem ser abertamente discutidos para que justamente não sejam cooptados por estruturas existentes de poder e, assim, perpetuem a falta de acesso de povos indígenas à sua cultura material e aos benefícios oriundos desta.

Ainda outro aspecto que observamos em nossas visitas refere-se ao papel que experiências como a aqui descrita podem ter para

estimular diálogos entre povos indígenas. Ao longo de nossas visitas, Yapoxi demonstrou grande interesse nos diversos artefatos existentes na reserva, de povos das Américas e de outros locais do mundo, e ao final de nossa viagem, ele afirmou que iria fazer coisas semelhantes ao voltar para casa. O exemplo de Yapoxi demonstra como tais experiências permitem não somente visitar o passado de sua própria cultura, mas também conhecer, através da cultura material, os conhecimentos, as habilidades e um pouco da história de outros povos. Portanto, entre as funções de museus etnográficos, uma talvez seja a de ser um espaço para a construção de relações e de laços, atuando enquanto pontos de encontros onde o 'eu' e o 'outro' possam se articular em prol de ações e de pautas de relevância para povos indígenas, de forma mais ampla.

Ao final da visita, o que a comitiva expressou, e que aqui reforçamos, é a necessidade de se criar mecanismos estáveis para que mais indivíduos Waiwai, em toda sua diversidade regional, de idade e de gênero, possam conhecer os elementos históricos de sua cultura material, hoje presente nestes e em outros museus. Tais ações não somente trarão benefícios físicos e espirituais para pessoas e coisas, mas também, ao abrirem caminhos para uma maior indigenização de coleções em museus etnográficos, construirão trilhas permanentes para que os Waiwai possam utilizar estes elementos de seu passado em prol de seu presente e futuro.

Agradecimentos

A experiência aqui apresentada não poderia ter sido possível sem a ajuda de muitas pessoas. Entre essas, os autores gostariam de agradecer: Frank Usbeck, Hagen Friede e Stefanie Lohse em nome de toda a equipe do Museum für Völkerkunde em Dresden; Daniel Grana-Behrens, Lars-Michael Schacht e Maya Saupe Morocho em nome de toda a equipe do Museu Bonner Amerikas-Sammlung em Bonn; e

Adriana Muñoz e Charlotta Ödvall em nome de toda a equipe do Världskulturmuseet em Gotemburgo. Agradecemos também à Barbara Fernanda Ruiz Duarte, membro do projeto *Patrimônio e Territorialidade*, pelas conversas com a equipe durante as visitas às reservas técnicas em Bonn e em Gotemburgo. Aproveitamos mais uma vez a oportunidade para agradecer a Carlos Yapoxi Wai Wai, fonte de eterna inspiração e conhecimentos sobre a cultura material waiwai. Por fim, agradecemos às comunidades Waiwai do Território Indígena Trombetas-Mapuera por acolherem nosso projeto e por nos ensinar a pensar a cultura material com outros olhares. O Projeto *Patrimônio e Territorialidade é* financiado pela Volkswagen Stiftung (processo AZ.9A987), cabendo aqui nossos agradecimentos a esta fundação pelos recursos que possibilitaram a realização deste estudo.

Referências

1. Athias, Renato. (2019). Coleções etnográficas, povos indígenas e repatriação virtual: novas questões, velhos debates. In J. P. de Oliveira & R. de C. M. Santos (Orgs.), *De Acervos Coloniais aos Meus Indígenas: formas de Protagonismos e de Construção da Ilusão Museal* (pp. 337-364). Editora da UFPB.
2. Athias, Renato, & Gomes, Alexandre. (2016). *Coleções etnográficas, museus indígenas e processos museológicos*. Editora da UFPE.
3. Basu, Paul. (2011). Object Diasporas, Resourcing Communities. Museum Anthropology, 34, 28-42.
4. Betancourt, Carla Jaimes; Noack, Karoline, & Rattunde, Naomi. (eds.). (2020). *Global turns, descolonización y museo*s. Bonn Americanist Studies Nr. 56. Plural.
5. Caixeta de Queiroz, Ruben. (2008). *Trombetas-Mapuera. Território indígena*. Brasília: FUNAI-PPTAL.
6. Clavir, Miram, & Moses, John. (2018). *Caring for sacred and culturally sensitive objects*. Recuperado de https://www.canada.ca/en/conservation-institute/services/preventive-conservation/guidelines-collections/caring-sacred-culturally-sensitive-objects.html
7. Costa, Karine L. da, & Pires, Kimberly T. A. (2024). Repatriação virtual X Repatriação física: avanços e limitações na descolonização museal. *Revista Memória em Rede*, 16(31), 270-288.
8. Cury, Marília X. (org.). (2016). *Museus e indígenas: saberes e ética, novos paradigmas em debate*. Secretaria da Cultura: ACAM Portinari: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.
9. Fabian, Johannes. (2004). On recognizing things: the "ethnic artefact" and the "ethnographic object". *L'Homme,* 170, 47-60.
10. Frikel, Protásio. (1958). Classificações lingüístico-etnológica das tribos indígenas do Pará setentrional e zonas adjacentes. *Revista de Antropologia*, 6(2), 113-189.
11. Garcés, Claudia Leonor López, & Karipuna, Suzana Primo dos Santos. (2021). "Curadorias do invisível": conhecimentos indígenas e o acervo etnográfico do Museu Paraense Emílio Goeldi. *Museologia & Interdisciplinaridade*, 10, (19), 101-114.
12. Garcés, Claudia Leonor López, Françozo, Mariana, & Van Broekhoven; Ka'apor, Valdemar. (2017). Conversações desassossegadas: diálogos sobre coleções etnográficas com o povo indígena Ka'apor. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas* 12, 713-734.
13. Gomes, Alexandre O. (2019). *Museus indígenas, mobilizações étnicas e cosmopolíticas da memória: um estudo antropológico*. [Tese de Doutorado em Antropologia]. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
14. Gudemos, Mónica. (2024). Las antiguas sonoridades de las Américas: Diálogos desde la Arqueomusicología. In BASA Museum (ed.), *Critical*

Views on Heritage of the Americas/Miradas críticas sobre patrimonio de las Américas (v2). University of Bonn. Recuperado de https://hdl.handle.net/20.500.11811/11687

15. Howard, Catherine V. (2001). *Wrought identities: the Waiwai expeditions in search of the "unseen tribes" of Northern Amazonia*. [Tese de Doutorado em Antropologia]. Department of Anthropology, University of Chicago, Chicago.
16. IAK/BONN. (2024). Heritage and Territoriality: Past, present, and future perceptions among the Tacana, Tsimane', Mosetén and Waiwai. Recuperado de https://www.iak.uni-bonn.de/de/institut/abteilungen/altamerikanistik/forschung-publikation/amazonas-anden/heritage-and-territoriality [Acessado em 01/11/2024].
17. Iepé. (2021). Plano de Gestão Territorial e Ambiental do Território Wayamu: TI Nhamundá-Mapuera; TI Trombetas-Mapuera e TI Kaxuyana-Tunayana. Iepé.
18. Ingold, Tim. (2012). Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, 18, 25-44.
19. Kraus, Michael; Halbmayer, Ernst, & Kummels, Ingrid. (Eds). (2018). Objetos como testigos del contacto cultural: Perspectivas interculturales de la historia y del presente de las poblaciones indígenas del alto río Negro (Brasil/Colombia). Gebr. Mann Verlag.
20. Laely, T.; Meyer, M., & Schwere, R. (Eds). (2018). *Museum Cooperation between Africa and Europe. A New Field for Museum Studies*. Fountain Publisher/Bielefeld.
21. Lima, Silvia C., & Silva, Fabíola A. (2021). Colaboração em museus. A participação de mulheres asurinis na definição dos critérios de restauração de vasilhas cerâmicas produzidas pelas suas ancestrais. *Revista Museologia & Interdisciplinaridade*, 10, 290-304.
22. Lucas, Maria L. (2014). *Antes a gente tinha vindo do jabuti: notas etnográficas sobre algumas transformações entre os Hixkaryana no rio Nhamundá (AM)*. [Mestrado em Antropologia Social] Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
23. Machado, Juliana S. (2021). Histórias roubadas: (des)encontros entre arqueólogos, sítios, coleções arqueológicas e os Laklãnõ-Xokleng no Alto Vale do Itajaí, SC. *Hawò*, *2*.
24. Moraes Wichers, Camila A. de. (2019a). Museus e acervos arqueológicos e etnográficos: (re)leituras e experiências. *Habitus*, *17*, 3-6.
25. Moraes Wichers, Camila A. de (2019b). Sobre a musealização de acervos Iny-Karajá: desafios e possibilidades para uma prática decolonial. *Habitus*, *17*, 53-76.
26. Noack, Karoline. (2017). Ethnological Entrepreneurs in Brazil: Spotlights on the Peripheral Areas of a West/East German History of the Field and of Collecting. In B. Hoffmann e K. Noack (eds.). *APALAI*-

*TIRIYÓ-WAYANA**...:** Objects, collections, databases* (pp. 141-168). Shaker Verlag.

27. Oliveira, João P. de, & Santos, Rita de C. M. (org.). (2019). De Acervos Coloniais aos Museus Indígenas: formas de Protagonismos e de Construção da Ilusão Museal. Editora da UFPB.
28. Peers, Laura, & Brown, Alison K. (eds.). (2003). *Museums and Source Communities. A Routledge Reader*. Routledge.
29. Rodrigues, Igor M. Mariano. (2022). *Tramas da Tecnologia: etnoarqueologia da variabilidade dos trançados dos povos do Mapuera*. [Tese de Doutorado em Arqueologia]. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.
30. Rodrigues, Igor M. Mariano, & Gaspar, Meliam V. (2020). Tecnologias de trançados e cerâmicas dos Wai Wai em coleções etnográficas. *Indiana*, 37(2), 171-203.
31. Rodrigues, Igor M. Mariano, & Wai Wai, Jaime X. (2024). Coleções Históricas e Arqueologia: narrativas wai wai do passado recente. In Sarah de Barros Viana Hissa, Anne Rapp Py-Daniel & Camila Pereira Jácome (org.), *Arqueologias históricas nos rios Tapajós, Trombetas e Amazonas*. Appris.
32. Rodrigues, Igor M. Mariano, Wai Wai, Jaime Xamen, Wai Wai, Roque Yaxikma, & Hissa, Sarah de Barros Viana. (2024). Abrindo camadas para o conhecimento: ensaio imagético de alguns ñokwa dos yaskomo Wai Wai. *Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, *18*(2), 41–56.
33. Rosoff, Nancy B. (2003). Integrating Native Views into Museum Procedures. Hope and practice at the National Museum of the American Indian. In Laura Peers & Alison K. Brown (eds.), *Museums and Source Communities. A Routledge Reader* (pp. 72-79). Routledge.
34. Silva, Fabíola A. (2016). "Leva para o museu e guarda". Uma reflexão sobre a relação entre museus e povos indígenas. In Marília Xavier Cury (Org.), *Museus e Indígenas: Saberes e ética, novos paradigmas em debate* (pp. 71-79). Secretaria de Cultura/ACAM Portinari/Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP).
35. Silva, Fabíola A., & Gordon, Cesar. (2013). Anthropology in the museum. Reflections on the curatorship of the Xikrin Collection. *Vibrant, Virtual Brazilian Anthropology*, *10*(1), 425-468.
36. Sleeper-Smith, Susan. (2009). Contesting Knowledge: Museums and Indigenous Perspectives. University of Nebraska Press.
37. Souza, Alexandre A., & Waiwai Yana Komo. (2018) Rotas de transformações Ameríndias. Um estudo de caso na região das Guianas. [Dissertação de Mestrado em Antropologia Social]. Universidade Federal do Amazonas.
38. Van Broekhoven, Laura, Buijs, Cunera, & Hovens, Pieter. (Eds.). (2010). Sharing Knowledge & Cultural Heritage: First Nations of the Americas. Studies in Collaboration with Indigenous Peoples from Greenland, North and South America. Sidestone Press.

39. Van Velthem, Lucia H. (2012). O objeto etnográfico é irredutível? Pistas sobre novos sentidos e análises. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 7(1), 51-66.

40. Vidal, Lux B. (2008). O museu dos povos indígenas do Oiapoque Kuahí: gestão do patrimônio cultural pelos povos indígenas do Oiapoque, Amapá. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, Suplemento 7, 109-115.

41. Vieira, Ana C. D., Cury, Marília Xavier, & Peters, Renata F. (2017). Saving the present in Brazil: Perspectives from collaborations with indigenous museums. In ICOM-CC 18th Triennial Conference Preprints, Copenhagen, 4–8 September 2017. International Council of Museums.

42. Wai Wai, Jaime Xamen. (2022). *Arqueologia e história das aldeias antigas do rio Kikwo, Pará, Brasil*. [Mestrado em Antropologia]. Universidade Federal de Minas Gerais.

43. Wai Wai, Jaime Xamen, & Caixeta de Queiroz, Ruben. (2024). Arqueologia e história indígena na perspectiva dos Wai Wai: um povo Caribe das Guianas. *Tipití: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America*, *20*(1), 3.